

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 30, p. 1-12, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.43025</p>	

SEÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS

Comunicação interna como encruzilhada biopolítica: historicidades, latência e melancolia

La comunicación interna como encrucijada biopolítica: historicidades, latencia y melancolía

Internal communication as a biopolitical crossroads: historicities, latence and melancholy

Rennan Lanna Martins

Mafra¹

orcid.org/0000-0002-9078-5475

rennan.mafra@ufv.br

Recebido em: 29 mar. 2022.

Aprovado em: 07 jul. 2023.

Publicado em: 31 out. 2023.

Resumo: Este texto, de caráter ensaístico e imbuído de uma abordagem afetiva, busca narrar a comunicação interna como um conjunto de interações vinculadas de modo imediato à gestão organizacional e atravessado pela materialização da ideologia do progresso, nos ambientes relacionais das organizações modernas. A partir disso, o texto vislumbra a comunicação interna como encruzilhada biopolítica, tonalizada pela intensificação de passados (historicidades), por diferenças desatualizadas (latências) e por atmosferas de melancolia, frente a futuros falidos e a emergências furtivas de uma biopotência.

Palavras-chave: comunicação interna; biopolítica; historicidades; abordagem afetiva.

Resumen: Este texto, de carácter ensayístico e imbuído de un enfoque afectivo, busca narrar la comunicación interna como un conjunto de interacciones inmediatamente ligadas a la gestión organizacional y atravesadas por la materialización de la ideología del progreso, en los ambientes relacionales de las organizaciones modernas. A partir de ello, el texto visualiza la comunicación interna como una encrucijada biopolítica, matizada por la intensificación de pasados (historicidades), por diferencias desactualizadas (latencias) y por atmósferas melancólicas, frente a futuros quebrados y las emergencias furtivas de una biopotencia.

Palabras clave: comunicación interna; biopolítica; historicidades; enfoque afectivo.

Abstract: This text, of an essayistic character and imbued with an affective approach, seeks to narrate internal communication as a set of interactions immediately linked to organizational management and crossed by the materialization of the ideology of progress, in the relational environments of modern organizations. From this, the text envisions internal communication as a biopolitical crossroads, toned by the intensification of pasts (historicities), by outdated differences (latencies) and by melancholy atmospheres, in the face of bankrupt futures and the furtive emergencies of a biopotency.

Keywords: internal communication; biopolitics; historicities; affective approach.

Uma aproximação afetiva com a comunicação interna

Quando comecei a escrever este texto, prontamente me recordei de vários manuais de comunicação interna, e do quanto esse tipo de prática sempre me pareceu estranha. Por mais que um cotidiano organizacional seja atravessado por inúmeras demandas de repasse informacional ad-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil.

ministrativo-laboral, quer via chefias imediatas, quer via setores estratégicos de comunicação; ainda que trabalhadoras e trabalhadores de uma organização necessitem e/ou desejem tomar conhecimento dos próprios cotidianos e fatos organizacionais; e mesmo que as áreas estratégicas de comunicação se voltem ao esforço planejado de construção da identidade organizacional e de uma imagem pública, considerando como prioridade as várias matizes de públicos internos, a comunicação interna sempre aparentou, a mim, seja como profissional de comunicação, seja na condição de público interno, ser uma prática um tanto quanto cínica.² Com essa impressão, não desejo, de forma alguma, desrespeitar o trabalho de inúmeros profissionais e pesquisadores da área que enxergam, na comunicação interna, um espaço potencialmente rico à produção de programas participativos, ou mesmo à possibilidade de ampliação de direitos. Em alguns momentos das minhas experiências como trabalhador e gestor da comunicação, já me peguei também compartilhando dessas crenças, ainda que a impressão de cinismo também sempre estivesse presente.

O que me faz perseguir essa impressão é a constatação de que, no meu conjunto de vivências organizacionais, a comunicação interna se apresenta como um caldo caótico, inacabado e complexo, em meio ao qual a vida organizacional, em sua relação com a gestão, com o trabalho propriamente dito e com a finalidade de uma organização, acontece. E nesse lugar inusitado, aberto, sempre a se realizar, o *complexus ecosistêmico organizacional* (Baldissera, 2007) se apresenta: informações e constantes análises conjunturais para a operacionalização do trabalho são disseminadas entre chefias e colegas; ambientes físicos e/ou remotos, como paredes e telas, instituem atmosferas identitárias, nota-

damente atravessadas pelo contar das horas e dos dias; planos estratégicos organizacionais são delineados, implementados, monitorados e avaliados, a partir de metas e parâmetros de produtividade, então definidos (e ensandecidamente perseguidos), bem como de uma profusão sem-fim de *e-mails*, reuniões (muitas intermináveis e sem qualquer direção), avalanches de contatos via aplicativos de mensagens, ligações telefônicas e videochamadas; profissionais de comunicação, a depender do porte, da finalidade e da natureza de uma organização, empreendem esforços, junto aos setores de gestão de pessoas, para elaborar práticas de construção da imagem pública interna, da motivação, da formação em liderança, da construção dos ritos e dos protocolos linguístico-discursivos e culturais que instituem, na materialidade do tempo e do espaço, a existência de uma organização (Baldissera, 2014).

Nesse interim, a comunicação interna, sobretudo em seu viés estratégico (elaborado por profissionais de comunicação), nunca me convenceu totalmente em termos de eficácia e muito menos pacificou as inúmeras emoções e sentimentos que atravessaram (e atravessam) meu próprio corpo, quando mergulhado nos diversos afazeres, dispositivos, planos de trabalho, interrupções, conflitos, ameaças, ataques, contatos, dispersões, punições, violências, refúgios, desabafos, acolhidas, cansaço e mais um conjunto de outros elementos que emergem nos ambientes internos organizacionais pelos quais passei como profissional da comunicação, e nos quais ainda continuo imerso como operário do saber. Nesse momento, pego-me em dificuldade de tentar traduzir, às leitoras e aos leitores desse texto, evidências cotidianas que possam reforçar e demonstrar, mais detidamente, esses incômodos,

² Ao longo do texto, busco tratar do cinismo como atmosfera que emerge pela vinculação da comunicação interna a um projeto moderno, este que insiste na falida projeção de um futuro ideal, mobilizado por estratégias produtoras de subjetividades racionalizantes e universalizantes - em contextos de presente sequestrado, a todo o instante, por dispositivos organizacionais. Sendo assim, a principal base conceitual aqui arregimentada para pensar as atmosferas contemporâneas de um cinismo nos contextos das organizações modernas pousa-se nas reflexões de Walter Benjamin (1987), ainda que uma racionalidade cínica não possa ser encontrada como conceito explícito em suas obras. Nesse lugar, busco reconhecer o cinismo como "distorção performativa paradoxal ou [...] bloqueio de força perlocucionária", conforme visão de Safatle (2008, p. 26): uma razão cínica emerge quando a linguagem "produz performances que não deveria produzir, como no caso dos sintomas (que indicam a existência de duas regras de conduta linguisticamente estruturadas contrárias que constituem uma mesma representação mental), ou não produz performances que deveria produzir, mesmo estando perfeitamente adequada em relação aos critérios normativos partilhados de maneira intersubjetiva" (2008, p. 26).

frente ao meu desejo ora declarado de narrar a comunicação interna: acima de tudo, sinto-me correndo grande perigo, caso queira detalhar episódios e situações vivenciadas, pautadas por muitas forças, disputas³ e riscos.

Diante de tudo isso, e apostando na habilidade da(o) leitora/leitor desse texto em recorrer às suas próprias memórias de experiências interacionais nos ambientes internos organizacionais que a(o) afetam, questiono-me em que medida essa tal impressão de cinismo da (e na) comunicação interna pode ser compreendida por sua inevitável e indelével vinculação a um projeto moderno – tomado enquanto dispositivo produtor de subjetividades racionalizantes, movidas pela perigosa (e falsa) idealização universalizante –, em já constatada falência pública. De modo mais específico, pergunto: como os ambientes relacionais das organizações, sendo estas materializadas por institucionalidades modernas, afetam os modos de interação em contextos da comunicação interna? Por esse raciocínio, como a materialização do próprio projeto moderno encontra, em meu (em nossos) corpo (s) e nos espaços de trabalho e de contato com as organizações, os vetores que constroem suas práticas, suas contradições e suas violências? E como a comunicação interna, aqui tomada tanto como um campo de atuação a profissionais da comunicação, quanto como ambiente de vivência espreado a qualquer trabalhadora/trabalhador diretamente vinculada(o) ao campo da gestão organizacional, torna-se palco indigesto, em meio ao qual discursos oficiais buscam se valer de práticas e planos falidos de garantia do futuro – inclusive como supostas formas de motivação – frente a vivências cotidianas pautadas pela

descrença, pelo cansaço e pelo aprisionamento, como também pela surpresa e pela furtiva e inusitada emergência de uma biopotência?

De tal sorte, o gesto metodológico basilar admitido nesse texto se materializa a partir de uma aproximação afetiva com a comunicação interna: Moriceau (2019, p. 41) propõe considerar uma abordagem afetiva

não primariamente como uma proposição ontológica (há afetos e são importantes na comunicação), nem mesmo uma estratégia epistemológica (uma maneira de acessar o que não poderia ser de outra forma). Antes disso, a virada afetiva define uma ética e uma política.

Nesse movimento epistêmico, o pesquisador que se deixa guiar por seus afetos é colocado não em uma posição de estudo, "mas de comunicação e essa comunicação precisa ser considerada eticamente" (Moriceau, 2019, p. 41). De fato, foi nessa posição de comunicação que meu encontro com a comunicação interna se deu nesse texto, a partir dos meus próprios afetos:

se escrevemos sob o impulso dos afetos, é precisamente porque fomos afetados, ou seja, fomos surpreendidos, tocados, transformados - não porque buscávamos ver algo definido a priori, ou porque quiséssemos provar que tínhamos razão, ou ainda porque queríamos seguir uma teoria. Eis que algo nos intriga, nos perturba, nos deixa com raiva. Sentimos que há algo sobre o que podemos testemunhar, algo que nos obriga a pensar (Moriceau, 2021, p. 18).

Por tudo isso, minha passagem por inúmeros ambientes organizacionais mobilizou-me, nesse texto, de caráter performativo⁴, a narrar⁵ algumas de minhas afetações com a comunicação interna, propondo refleti-la a partir de alguns lugares, dispostos a seguir. Inicialmente, busco pensar a comunicação interna como um conjunto de in-

³ Faço aqui referência a Baldissera (2008) em sua noção de comunicação organizacional como disputa de sentidos.

⁴ Para Moriceau (2021, p. 23), um texto performativo "não busca imitar, representar ou comentar a distância, mas a) recriar a experiência, a fim de manter seu poder de afetar, de experimentar de explorar; b) produzir um efeito no leitor, colocar o seu pensamento em movimento, para tentar engajá-lo em sua reflexão; c) apresentar-se como experiência e uma reflexão subjetiva - e não como uma verdade - para convidar o leitor a refletir sobre o sentido da situação e sobre as lições que se pode tirar dela." Ao me encontrar com meus afetos em relação à comunicação interna, senti-me desafiado por uma escrita que foi se desdobrando, na medida em que ganhava "textura e densidade ao recriar esse momento de encontro, de elaboração, inquietação e desassossego, em que sentimos que o que está em jogo não é apenas o conhecimento, mas as condições humanas, as formas de vida, as existências vulneráveis, a possibilidade do bem viver" (Moriceau, 2021, p. 20).

⁵ Narrar a comunicação interna tornou-se o principal tônus metodológico desse texto, na medida em que "o corpo e a narrativa de si do pesquisador são a mídia dos afetos, eles são importantes. O pesquisador tem gênero, raça, posição social, história e conhecimento. Mas um si imerso em um mundo, afetado e afetando, sensível e sentindo, plural singular mas opaco, um si capaz de aprender, de revisar sua narrativa de si" (Moriceau, 2019, p. 42).

terações vinculadas, de modo imediato, à gestão organizacional, e atravessado pela materialização da ideologia do progresso, nos contextos das organizações modernas. É assim que nesse item busco tomar a comunicação interna como cotidianidade contemporânea, em meio à qual futuros pautados pelo projeto moderno tornam-se difíceis ou mesmo improváveis, ao passo em que um paradoxal sentimento de estagnação, combinado com a aceleração moderna (Koselleck, 2001), tende a esgarçar⁶ a comunicação nos ambientes internos organizacionais a partir de uma encruzilhada biopolítica⁷. Feito isso, busco narrar, adiante, como a comunicação interna é tonalizada enquanto tal encruzilhada, a partir de três fenômenos instituidores de atmosferas (*stimmungs*) interacionais: a) a intensificação de passados, a partir da inevitável e constante emergência de historicidades; b) a presença de latências, ou seja, de diferenças desatualizadas; e c) a experimentação da melancolia⁸, como desconfiança e, ao mesmo tempo, como emergência furtiva de uma biopotência.

Comunicação interna como encruzilhada biopolítica

Não conseguirei seguir adiante com os intentos deste texto sem antes problematizar a própria noção de comunicação interna. Inevitavelmente, o *interno* apela para uma qualidade do que está do lado de dentro – enquanto seu antônimo, o *externo*, para uma qualidade do que está do lado de fora. Em um tempo em que as paredes das organizações funcionavam muito bem como dis-

positivos de qualificação e distinção entre o interno e o externo, talvez não fosse necessária essa reflexão. Contudo, os contextos contemporâneos de midiaticização afetaram, sobremaneira, a vida organizacional⁹, de modo que, nesse contexto, a sobrevivência do termo comunicação interna indica também uma demanda pela continuidade de seu uso. Dessa forma, ao que me parece, o *interno* opera como uma espécie de qualificador de interações que acontecem vinculadas, de modo imediato, à gestão organizacional, ou seja, à governança de uma determinada organização, isto é, a seus modos de distribuição de poder em fluxos, cargos e hierarquias. De tal sorte, o *interno* adquire um *status* de proximidade em relação aos processos de trabalho e nesse lugar a gestão organizacional orienta-se, irremediavelmente, por um projeto moderno, acolhedor de:

a) um modelo de subjetividade, tomado enquanto dispositivo produtor de subjetivações racionalizantes, movidas pela perigosa (e falsa) idealização universalizante de sujeito, pautada por controle, separação entre corpo e mente, meritocracia, produtividade, individualidade (Taylor, 2011), patriarcado e branquitude (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016);

b) um horizonte histórico instituído pela ideologia do progresso (Benjamin, 1987), em meio à qual os passados são desconsiderados, o presente torna-se um curto lapso e o futuro um espaço alargado e supostamente sempre aprimorado pelos esforços de trabalho do presente – movimento temporal este que, segundo o próprio Benjamin, torna-se

⁶ Credito o uso inicial deste termo a Rudimar Baldissera, em profícuos diálogos que estabelecemos em Porto Alegre, no ano de 2019. Recordo-me do quanto Baldissera, naquele momento, interessava-se pelo verbo "esgarçar" como potencialidade à compreensão da comunicação organizacional. Creio que Baldissera, ainda que não (talvez) intencionalmente, estivesse vertebrando sua noção de comunicação organizacional como disputa de sentidos: em mim, ficou a impressão de que tal disputa, de algum modo, sempre se produz a partir de um esgarçamento, qual seja, um rasgar-se que deixa suas pistas, ainda que tentativas de suturas possam tentar suavizar as cicatrizes – e, muitas vezes, não conseguem sequer costurar as próprias feridas abertas.

⁷ Agradeço imensamente a Ângela Marques por ter me apresentado, com generosidade, a obra de Peter Pál Pelbart, fundamental para as questões trazidas neste texto. Nesse lugar, Pelbart (2015) inspira-se na noção foucaultiana de biopolítica, esta pousada no "fato de o poder encarregar-se da vida, mais do que a ameaça de morte, que lhe dá acesso ao corpo" (Foucault, 1999, p.134). Nesse lugar, em direção oposta a um poder soberano, uma biopolítica busca construir técnicas de vigilância e se volta à suposta permanência ideal de uma vida, no estabelecimento de parâmetros, tecnologias e estratégias dirigidas à docilização e ao controle dos corpos. Pelbart (2015) radicaliza a noção foucaultiana de biopolítica, tomando-a como principal elemento presente nos campos experienciais dos corpos, em meio aos contextos contemporâneos. No próximo tópico, mobilizo o gesto de Pelbart (2015) para problematizar a biopolítica como encruzilhada posta pela comunicação interna, no contexto das organizações modernas.

⁸ As perspectivas desenvolvidas neste artigo também têm sido apresentadas, sob outras angulações, em outras publicações, uma vez que fazem parte dos resultados de recente estágio pós-doutoral realizado, em 2021, no Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), a partir de uma aproximação desenhada há dez anos com as materialidades da comunicação e a experiência estética – e, mais recentemente, com o campo da história. Agradeço o acolhimento, a amizade e os inúmeros aprendizados ofertados por Marcelo de Mello Rangel, supervisor do pós-doutoramento.

⁹ Quanto a isso, o recente trabalho publicado por Baldissera e Vinhola (2020) traz reflexões fundamentais para se pensar a relação entre midiaticização e comunicação organizacional.

danoso à possibilidade da história como gesto basilar e potente à experiência humana;

c) institucionalidades modernas, quais sejam, o Estado, o Mercado e a Ciência (Mafra, 2021), como macro estratos relacionais sobre os quais o modelo de subjetividade e a ideologia do progresso materializam-se nas relações organizacionais, tornando-se ancoragens estruturais e hegemônicas para a reprodução da vida no ocidente – e, ainda, com pretensões imperialistas universalizantes (Pinto; Mignolo, 2015).

Portanto, a gestão organizacional torna-se o lugar de materialização do projeto moderno, mediante a disseminação de uma vigilância epistemológica totalizante, em meio à qual um superego manifesta-se categoricamente na forma de leis, punições e recompensas, em direção às vidas que, fatalmente, por ela serão afetadas. Assim, quando me refiro, portanto, à comunicação interna como esse conjunto de interações (estratégicas e/ou espontâneas) nos ambientes organizacionais, pautadas por uma vinculação imediata à gestão organizacional, desejo me implicar como alguém que também indigestamente retroalimenta essa atmosfera, ora como forma de sobrevivência e de cumprimento de ordens, ora como impossibilidade de expressão frente à vigilância dos processos de gestão que se abatem sobre o meu corpo. Sobre essa implicação, também não desejo, nessa narrativa, apresentar um tom maniqueísta, no qual os gestores de maior ascendência hierárquica seriam supostamente sempre os algozes dos ambientes organizacionais, sendo os trabalhadores “da ponta” os sujeitos sempre desfavorecidos, ingênuos e aprisionados. A gestão torna-se um processo e um campo em meio aos quais espria-se uma afetação: a comunicação interna parece se constituir como esse lugar em que subjetividades, em quaisquer escalas ou níveis hierárquicos, são desafiadas à adequação frente a um projeto modernizador e modernizante de gestão, em meio a um cotidiano assolado pelo controle do tempo, dos corpos, das emoções, das diferenças.

Ao experienciar papéis de gestor em alto nível hierárquico, por vezes o que eu mais desejava era poder me expressar com liberdade; era chorar diante de situações em que ameaças à minha

integridade – física e emocional – me exigiam apresentar uma postura de controle e de suposto equilíbrio, frente a pessoas diretamente afetadas por minhas ações; era poder ter gritado descontroladamente e com raiva diante da notícia que recebi, no meu local de trabalho e por meios digitais, sobre trabalhadores a mim subordinados que, publicamente, me difamaram e quebraram meus votos de confiança, de cumplicidade e de futuro (ao passo em que tive que demonstrar controle, temperança e normalidade, diante de um caos instalado frente a meu corpo, e de uma demanda por adequação à subjetividade moderna). Em situações de subordinação, também já vivenciei ocasiões de pressão causadas por gerentes e chefes, que pareciam me arrancar toda a vitalidade possível. Há uma foto clássica, tirada quando o meu filho mais novo nasceu, em um momento em que experienciei uma despotencializadora relação de perseguição com um superior hierárquico: meu semblante estava distante, meus olhos sem brilho e meu rosto parecia sem forças; não tenho qualquer dúvida de que, naquele momento, a vida de meu pequeno bebê fazia um milagre acontecer e me imprimia a potência de que eu tanto precisava para sorrir, tomando-o amorosamente em meus braços, e para conseguir vislumbrar um quinhão mínimo de futuro – ainda que, naquele instante, os horizontes desenhados se apresentavam amorfos e opacos.

Corpos e espaços de trabalho constituem-se, portanto, como vetores de materialização *do* e de adequação *ao* projeto moderno pela gestão organizacional, em meio aos quais práticas, contradições e violências emergem em processos interacionais. Nesse fenômeno, a comunicação interna pode ser tomada como uma encruzilhada biopolítica:

[...] o poder tomou de assalto a vida. Isto é, o poder penetrou em todas as esferas da existência e as mobilizou e as pôs para trabalhar em proveito próprio. Desde os genes, o corpo, a afetividade, o psiquismo até a inteligência, a imaginação, a criatividade, tudo isso foi violado e invadido, mobilizado e colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes (Pelbart, 2015, p. 20).

Por essa perspectiva, a comunicação interna torna-se campo de imanência, em meio ao qual

os poderes operam "por dentro, incorporando, integralizando, monitorando, investindo de maneira antecipatória até mesmo os possíveis que se forem engendrando, portanto colonizando até mesmo o futuro" (Pelbart, 2015, p. 21). Sendo assim, no âmbito dos processos interacionais dos ambientes internos das organizações, manifestam-se os caminhos que, inevitavelmente, levarão à encruzilhada proposta pela subjetividade moderna e pela ideologia do progresso, no bojo das institucionalidades do Estado, do Mercado e da Ciência, das quais vertebram-se toda a sorte de desenhos e estruturas organizacionais modernas (Mafra, 2021).¹⁰

Admitindo que a relação que estabelecemos com as coisas do mundo, sobretudo após sermos picados pelas moscas da modernidade, compõe-se a partir de uma oscilação entre efeitos de sentido e de efeitos de presença (Gumbrecht, 2010)¹¹, é possível inquirir como tal oscilação se apresenta na encruzilhada biopolítica da comunicação interna. Vetorizada pela gestão organizacional nos corpos e nos ambientes de trabalho, os efeitos de sentido da comunicação interna colaboram, portanto, com as tentativas de construção da identidade organizacional (Baldissera, 2007) a partir de ofertas muitas vezes conjuntas, pautadas por:

a) gestos factuais de atualização – para os quais práticas e narrativas jornalísticas se credenciam como processos de produção de legitimidade e credibilidade aos públicos internos, por meio de *house-organs*, boletins, *newsletters*, produções audiovisuais, dentre outros produtos;

b) demandas permanentes por repasse e circulação de informações laborais, relacionadas à operacionalização do próprio trabalho – atendidas por meio de reuniões, *e-mails*, mensagens por aplicativos, normas internas, processos de avaliação¹², dentre outros;

c) usos finalísticos de discursos persuasivos, voltados a tentativas contínuas de fechamento de sentidos da(na) identidade organizacional, a partir do uso de peças publicitárias, ações motivacionais, *storytellings* em suportes os mais diversos, eventos de treinamento, ritualidades e celebrações.

Contudo, na encruzilhada biopolítica da comunicação interna, os sentidos não se rendem à gestão e continuam em disputa (Baldissera, 2008): nesse lugar, a imagem de um esgarçamento (rasgo) torna-se emblemática a um palco indigesto, em meio ao qual uma disputa *no* e *do* tempo simboliza a cotidianidade contemporânea vivenciada nos ambientes internos das organizações modernas. Enquanto a gestão mobiliza seus vetores para a disseminação do controle, da suposta racionalidade libertária, do progresso e do futuro ampliado e *fatalmente melhor*, em meio a uma visível sensação aprisionadora de aceleração do(na) tempo (Koseleck, 2001), o contemporâneo é tempo-espaco também pautado pela constatação pública acerca da falência do projeto moderno. Nesse lugar, ainda que discursos oficiais buscam se basear em práticas falidas de garantia do futuro – inclusive como supostas formas de motivação –, sujeitas e sujeitos convivem com climas de estagnação (Gumbrecht, 2015), em meio aos quais os futuros modernos tornam-se difíceis ou mesmo improváveis; e o presente se torna um espaço-tempo amplo, inundado por um conjunto de passados – ou melhor: por um desejo de tocar esses passados, muitos deles não ditos, não elaborados e/ou intensificados pela modernidade¹³; e, no caso de colônias, como o Brasil, muitos deles mal processados, mal digeridos, violentados e mal ditos.

Desse modo, encruzilhadas biopolíticas se apresentam na comunicação interna, acima de tudo, a partir de disputas de sentidos *no* e *do*

¹⁰ "Sob a égide interseccional desses três estratos relacionais, vertebram-se, de certa maneira, o que hoje identificamos como organizações modernas: empresas, escolas, indústrias, secretarias e ministérios, prefeituras, universidades, instituições de mídia, unidades de prestação de serviços - e mesmo as organizações não-governamentais e as do chamado terceiro setor possuem alguma vinculação relacional com algum desses estratos" (Mafra, 2021, p. 93).

¹¹ Em Gumbrecht (2010), uma oscilação entre efeitos de sentido e de presença não necessariamente indica um gesto de alternância, já que tais efeitos tendem a acontecer ao mesmo tempo na experiência, embora com intensidades diferentes a depender de cada situação. A separação entre as duas categorias é didática, com vistas a facilitar a compreensão para alguém (nesse caso, eu mesmo) que narra essa reflexão.

¹² Faço aqui um destaque especial na comunicação interna com relação à complexidade dos processos avaliativos: nos processos laborais, a avaliação conforma-se enquanto dispositivo nuclear à gestão, frente às suas tentativas de adequação ao modelo de subjetividade moderno e à ideologia do progresso.

¹³ O diagnóstico de Gumbrecht (2015) é amplo e se refere a inúmeros fenômenos, como a moda, os museus, as TIC's etc.

tempo, de modo que, como trabalhadores, transitamos por espectros temporais frente a uma modernidade cujo futuro prometido chegou frustrado, à custa, quase sempre, de esquecimento e violência a um passado (que não passou) supostamente desviante, atrasado e inadequado. Por tudo isso, será mesmo possível, na contemporaneidade, ainda apostar nas promessas de autorrealização do trabalho moderno, dispostas como garantias de felicidade *num futuro*? Como acreditar nos discursos sustentáveis, se os subterrâneos relativos a negociações de toda a sorte são, inúmeras vezes, partilhados e acessados por trabalhadoras/trabalhadores que fazem circular, sob redes não aparentes, as incongruências entre os discursos projetados de preservação/conservação e os discursos vivenciados (e secretos) de exploração? Como apostar nas possibilidades de cooperação e empatia em equipes de trabalho, se a carga competitiva e meritocrática serve-se como arsenal para a própria existência das organizações modernas, na produção das subjetividades adequadas e desviantes, bem como do sistema tácito e subreptício de punições e recompensas – ainda que camufladas sob a égide de ditos igualitários e garantistas? Como é possível crer em um futuro diferente se o próprio presente, então *futuro passado*, encontra-se já imantado das consequências desastrosas, advindas das promessas de liberdade, de justiça e de igualdade da modernidade?

Na comunicação interna, essa disputa de sentidos nem sempre emerge como protagonista da cena organizacional: a própria reprodução da vida material, bem como a possibilidade de existir na vida moderna, torna-se torpemente codependente de demonstrações públicas de adequação

ao autoelogioso projeto moderno¹⁴ – movimento este que tende, de partida, a desqualificar críticas e dissensos, e a posicionar muitas perturbações em cifras, ou mesmo sob a capa cotidiana da invisibilidade.¹⁵ Quais trabalhadoras e trabalhadores teriam, de fato, as condições materiais, sensíveis e vocais para enfrentar, nos ambientes comunicacionais internos, os sentidos ofertados pela gestão (em suas fontes morais do controle e do progresso), contrapondo-os com críticas e atualizações, em uma experiência pública, dissensualmente compartilhada (Marques; Mafra, 2018)? Neste lugar, creio que consigo compreender a emergência da sensação de cinismo, frente aos processos de comunicação interna: sujeitas/sujeitos trabalhadoras/trabalhadores movem-se em ambiente pantanoso, enevoadado e perigoso, onde quase nunca é possível baixar a guarda (e as armas), ao custo, muitas vezes, da própria saúde física e emocional – quando não muito da própria sobrevivência e/ou existência. Sendo assim, se a observação do esgarçamento torna-se um diagnóstico do nosso próprio tempo sobre os efeitos de sentido, é possível problematizar os efeitos de presença¹⁶, a partir de determinadas tonalizações experienciadas – atmosferas, climas e *stimmungs* – que emergem nos ambientes internos organizacionais, nessa encruzilhada biopolítica.

Tonalizações da comunicação interna: historicidades, latência e melancolia

Para além de pensar no esgarçamento de sentidos e na emergência de um cinismo como impossibilidade de aparição pública da própria disputa, retomo a noção de efeitos de presença, em Gumbrecht (2010), para admitir que a comu-

¹⁴ Recordo-me, aqui, da noção de organização comunicada, de Baldissera (2009), em meio à qual o autoelogio torna-se um dos atributos fundantes das falas oficiais.

¹⁵ Recorro aos argumentos de Henriques e Silva (2017) sobre a potencialidade das instâncias de vigilância civil na publicização das demandas por perturbações e atualizações organizacionais. No caso das trabalhadoras e dos trabalhadores, os sindicatos cumprem vigilância essencial no exercício de pressão por direitos trabalhistas e na luta pelo bem-estar e pela justiça do trabalho, movimento este que sofreu considerável enfraquecimento no governo do Presidente Michel Temer, com o fim da obrigatoriedade da contribuição sindical, bem como a partir de outras ações institucionais posteriores (reforma trabalhista, extinção do Ministério do Trabalho etc.). Por esses termos, a comunicação interna tende a aumentar a pressão para adequação, diminuindo as chances de diferenças participarem da atualização organizacional.

¹⁶ Nesse lugar, Gumbrecht (2010) propõe compreender o quanto os efeitos de presença afetam também as práticas acadêmicas de produção de conhecimento. Desse modo, o intelectual persegue a criativa empreitada de encontrar conceitos não hermenêuticos, mobilizadores de uma energia/uma tonalidade afetiva/uma tangibilidade – que toca os corpos e se produz sem a centralidade da interpretação.

nicação interna como encruzilhada biopolítica produz-se também a partir de atmosferas: trata-se de *stimmungs* (Rangel, 2016), ou seja, de ambiências/climas/tonalidades afetivas que acabam esgarçando também os próprios corpos. Assim, como cotidianidade contemporânea, condicionada hegemonicamente pelo projeto moderno e fraturada pela sua própria falência, proponho pensar a comunicação interna e seus efeitos de presença como fenômeno tonalizado por três energias sentimentais: a) historicidades; b) latência; e c) melancolia.

Historicidades podem ser compreendidas como energias sentimentais mobilizadas nos corpos a partir da noção de instante (*jeitzeit*) de Benjamin (1987): nesse lugar, a história não se apresenta como narrativa universal e estática, mas como contingência aberta, a partir de fraturas temporais no presente que intensificam passados encobertos e/ou negligenciados. Nesse movimento, as diferenças podem ser tomadas como historicidades: apagadas, encobertas ou violentadas pelas narrativas oficiais-identitárias modernas, em um movimento de perda intencional de referência ao passado, inúmeras experiências dissidentes tanto em relação ao sujeito da modernidade (racional, controlador, patriarcal, homem, heteronormativo, europeu, escolarizado e branco) quanto em relação à suposta inevitabilidade do progresso, mobilizam energias sentimentais, detonadoras *no* e *pelo* próprio corpo, que forçam inevitavelmente a intensificação e a presença desses passados desconsiderados.

Assim, na encruzilhada biopolítica da comunicação interna, inscrita nos ambientes nucleares de materialização do próprio projeto moderno, passados também são intensificados a todo o instante, e um gesto histórico se inscreve nos corpos: marcadores raciais, da sexualidade, do gênero, da idade emergem como presenças, sobretudo em se tratando de contextos multiculturais e (violentamente) globalizados. Mas, o que fazer com esse passado nos ambientes internos

organizacionais, se o horizonte histórico moderno se baseia em deslegitimar o poder de orientação e de referência do passado (Rangel, 2016), e a sequestrar o presente em direção a um futuro prometido como glorioso? Nesse lugar, caso as historicidades possam *pagar os pedágios* que o progresso exige (Mafra, 2021) – qual seja, as promessas de um futuro ideal pelo sequestro do presente (pelo controle do tempo e dos corpos; pelo mérito e pela produtividade; pela competição e pelo capital) –, as diferenças podem até ser parcialmente suturadas como partes da identidade organizacional. Entretanto, esses corpos esgarçados pela encruzilhada biopolítica, muitas vezes, vivem como feridas abertas, diante de um passado intensificado na pele – embora não acolhido como presença (e como dito), não elaborado e redimido¹⁷ nos ambientes internos organizacionais.

Essa indisposição ao acolhimento de diferenças que são inegociáveis com o progresso produz um outro efeito de presença na comunicação interna: a *latência*. Sendo oposta ao movimento de emergência, a latência, em Gumbrecht (2014), revela a presença de algo que ocupa o espaço e possui tangibilidade; mas que, como clandestino, não se sabe se, quando ou como irá emergir. Em contextos de historicidades não intensificadas, a partir de instantes provocados por diferenças, uma atualização na experiência organizacional pode não acontecer. Na encruzilhada biopolítica da comunicação interna, diante de inúmeras violências provocadas pelo projeto moderno, a latência tende a ser experiência de sofrimento, a partir de diferenças que são percebidas e que, por serem inegociáveis com o progresso, são desatualizadas, uma vez postas em clandestinidade pela gestão organizacional. Esse gesto de desatualização das diferenças é uma cruel forma de atualização: as identidades organizacionais sabem que diferenças existem; entretanto, as negligenciam, desatualizando-as – o que atribui, às mesmas, um *status* de clandestinidade, como parte de uma vigilância epistemológica da gestão

¹⁷ Para Benjamin (1987), redenção é um gesto advindo de uma perturbação existencial, vertedora de uma “faculdade/possibilidade humana de receber/auscultar determinado passado denegado e de entusiasmar-se com ele, intensificando-o, levando-o à frente, tornando-o uma realidade efetiva” (Rangel, 2016, p. 131). Nesse raciocínio, a redenção torna-se movimento fundamental para que horizontes possam se abrir.

frente à imposição totalitária do progresso.

Junto a isso, a comunicação interna acaba se tornando inundada por latências frente às impossibilidades destes corpos dizerem o que sentem, seja em relação aos seus próprios sentimentos, seja em relação a incômodos e opressões vivenciadas junto aos processos de distribuição de poder pela gestão – e, na encruzilhada biopolítica, isso se aplica tanto a sujeitas/sujeitos gestores, pressionados, muitas vezes, por alguns subordinados que agem como vigilantes epistemológicos da modernidade (com seus vários jogos tácitos e minas terrestres, seduzidos pela ascensão hierárquica); quanto por funcionários em condição de subordinação, que não podem se expressar diante das suas chefias, frente às latências não ditas, mas presentes, diante de qualquer um, como um *elefante não mencionado, mas presente no meio da sala*.¹⁸ Nesse lugar, as latências parecem colaborar para o esgarçamento, no corpo, do indigesto clima de estagnação: a vida organizacional, apesar de cada vez mais acelerada e justificada pela ideologia do progresso, produz, nos corpos, uma sensação de *corrida na esteira*: gasta-se energia com vigor e velocidade, embora o corpo cansado esteja estacionado, no mesmo lugar.

Por fim, frente à insistente projeção de futuros falidos por parte da gestão, tendo em vista a emergência de historicidades e de latências, a *melancolia* tende também a emergir como tonalização na encruzilhada biopolítica da comunicação interna – sobretudo em corpos descrentes do progresso, não adequados ao projeto moderno, mas, por outro lado, aprisionados nos ambientes organizacionais. Com Benjamin (1987), a melancolia emerge como sintoma de um tempo marcado por vivências cotidianas pautadas pela descrença na utopia liberal-moderna; bem como pelo cansaço aprisionador, seja em função da própria necessidade de reprodução material da vida, seja frente às dificuldades contemporâneas de busca por outras perspectivas coletivas de se viver em conjunto. Se a melancolia se produz como angústia, por outro

lado, serve-se, ao mesmo tempo, a um gesto produtivo, conformador de espaços de refúgio e de encontro, como possibilidade de escancarar a falência do sujeito da modernidade a partir da produção de uma biopotência:

aquilo que parecia inteiramente submetido ao capital ou reduzido à mera passividade, ou seja, a vida, aparece nessa segunda leitura como um capital, como a fonte maior de valor, como reservatório inesgotável de sentido, de formas de existência, de direções que extrapolam as estruturas de comando e os cálculos dos poderes constituídos que pensavam pilotá-la, mesmo quando esses poderes se exercem nas suas modalidades mais acentradas, rizomáticas, imanentes (Pelbart, 2015, p. 21).

Para Pelbart (2015, p. 21), a constatação sobre a potência de vida não parte de um processo romântico quanto à suposta capacidade de resistência: trata-se de repensar, de forma mais complexa, a interação entre os poderes, uma vez que “a produção do novo está disseminada por toda parte e constitui uma potência psíquica e política de todos e de cada um”. Assim, um olhar que seja menos reificado em direção aos modos de dominação permite o reencontro com “a potência de variação e a força-invenção de que eles pretendem apropriar-se e que não emana deles” (2023, p. 23). Desse modo, a comunicação interna é tributária de agenciamentos muito mais complexos, em meio aos quais novas redes de vida emergem a partir de novas forças e invenções. Em meio a isso, Pelbart (2015) entende o *bios* como o poder de afetar, mas também de ser afetado.

Por tudo isso, a encruzilhada biopolítica da comunicação interna é, ao mesmo tempo, uma encruzilhada biopotente: afinal de contas, são também nas encruzilhadas que outros mundos aparecem; que outros seres emergem; que cosmologias e ontologias se encontram; que se erguem outros portais em direção a outras *epistêmes*, a outras linhas de fuga, a outras brechas. Nesse lugar, como táticas dos fracos (Certeau, 1994), ou como espaço-tempo do menor (Gallo, 2002), sujeitas e sujeitos promovem encontros

¹⁸ Agradeço aos encontros com a pesquisadora Laura Nayara Pimenta (2019), a quem peço emprestada a expressão supracitada para os contextos desse texto.

paralelos, que ora atravessam os ambientes internos organizacionais e possibilitam novas formas de existir – ainda que espalhadas em silêncio, nos cantos, nas mensagens temporárias de aplicativos de mensagens, nos olhares, nos banheiros, nos botecos, nas ironias, nas novas invenções. Uma biopotência desafia a biopolítica, em meio à qual configuram-se relações que transcendem os próprios papéis organizacionais.

Neste momento, recordo-me de Jutz¹⁹, funcionárix diretamente subordinada a mim, em uma de minhas ocupações profissionais. Ela já estava no setor que passei a gerenciar há mais de vinte anos, enquanto eu acabara de chegar. Em meio à biopolítica cravada em meu próprio corpo e às exigências de adequação à identidade do gestor moderno, construí, com Jutz, e aos poucos, uma aproximação inicial centrada no trabalho. Vencido o risco principiante e estabelecida a confiança entre nossas próprias histórias de vida, meu encontro com Jutz se tornou pura biopotência: na presença dela, eu podia deixar as lágrimas verterem, sem qualquer julgamento ou perigo; podia me abrir, frente às minhas próprias fragilidades, incertezas e medos. Podia ouvir seus conselhos como pessoa que estava naquele lugar há muito mais tempo do que eu. Nas interações com Jutz, a partir de um certo tempo, eu não sabia quem estava gerenciando quem – e aqui destaco que ela sempre fazia questão de dizer qual era o seu papel, na tática simples e silenciosa de quem não se dá conta de sua própria força e condução. Com Jutz, encontrei refúgio e possibilidade de sobrevivência, com carinho e amizade (estes que duram até os dias de hoje, findado meu tempo de gestão e mesmo Jutz tendo já se aposentado), naquele lugar inóspito, cheio de perigos, de decepções, de cobras e lagartos, mas também de outros refúgios (com Ali, Div, Log e mais algumas/alguns). Nas brechas e nas fraturas, nos silêncios e fora da vigilância dos insustentáveis padrões modernos, mesmo diante

de exigências e violências, pude vivenciar, naquele espaço, não a todo o momento, mas sempre que meus pulmões buscavam respirar, a possibilidade *de eu me sentir sendo eu mesmo*: um corpo e uma vida, escapando a qualquer captura.²⁰

Considerações sem ponto final

Sem qualquer pretensão totalizante ou universalizante, nesse texto, busquei narrar a comunicação interna como encruzilhada biopolítica, a partir de uma abordagem afetiva e frente às institucionalidades do projeto moderno, no contexto das organizações. Nesse movimento, me imbuí de um arsenal experiencial localizado para tentar vislumbrar como tal encruzilhada é mobilizada pela gestão organizacional no corpo e nos ambientes de trabalho, a partir de um esgarçamento de sentidos e de presenças. De modo especial, as tonalidades afetivas das historicidades, da latência e da melancolia ganharam atenção na minha narrativa, sobretudo no delinear da compreensão de que toda biopolítica é também confrontada por uma biopotência, ainda que por forças e caminhos diferentes. De tal sorte, a encruzilhada biopolítica da comunicação interna, por minhas andanças organizacionais, me suscitou – e ainda me suscita – inúmeras questões: o que as organizações fazem comigo? Disparam quais gatilhos? Como acessam meus desejos e minhas faltas? Consigo ser alguém, descolado dessas institucionalidades? O que me torno nas organizações?

Por fim, e não menos importante, pergunto-me como age a encruzilhada biopolítica da comunicação interna em um tempo flexível, tendo em vista a atuação de forças neoliberais no enfraquecimento de direitos trabalhistas e na precarização das condições de trabalho, movimento este que foi intensificado com a utilização, em larga escala, do trabalho remoto, fomentado pelas medidas de

¹⁹ Os nomes aqui citados tiveram suas marcas de gênero retiradas (razão pela qual utilizo livremente a consoante x, no lugar de qualquer flexão de gênero), bem como são totalmente fictícios. Com isso, pretendo transmitir os afetos, e não expor, ao perigo, nenhuma pessoa (nem a mim mesmo) diante dessa narrativa.

²⁰ Falo do lugar do homem branco, de vivência atual heterossexual, cisgênero e escolarizado –alguém que nasceu para estar no padrão, ainda que venha relutando para dele escapar. Falo do lugar do privilégio, e não consigo imaginar as violências e os sofrimentos de um corpo dissidente ao padrão moderno, por não ter essa vivência impregnada na minha pele e no meu aparecer em público. Por isso, minha narrativa não pode nunca ser tomada como universal. O que desejo, com a abordagem afetiva, é, justamente, assumir o meu lugar, sem que isso signifique, em si mesmo, um ato heroico; ao contrário, é o ato que me resta: admitir minha experiência, e reconhecer que, mesmo privilegiada, também se produz em um corpo.

isolamento social para controle epidemiológico da COVID-19. Nesse lugar, mesmo que modificada à luz das configurações neoliberais e por outros matices atuais, a comunicação interna parece tomar parte em um projeto perigoso, em meio ao qual pessoas comuns passam a ser atravessadas a tal ponto pelos dispositivos organizacionais que as próprias institucionalidades modernas – o Estado, o Mercado e a Ciência – mostram-se latentes, na encruzilhada biopolítica emergente. Em melancolia, quero ainda crer que uma biopotência possa desenhar caminhos de vida a um projeto moderno que tenta se reinventar, a todo o custo, a partir de uma nefasta necropolítica, associada ao progresso e ao empreendedorismo de si, cujos efeitos ainda são muito novos e desconhecidos.

Referências

- BALDISSERA, Rudimar. Tensões dialógico-recursivas entre a comunicação e a identidade organizacional. **Organicom**, São Paulo. v. 4, n. 7, p. 228-243, 2007.
- BALDISSERA, Rudimar. Comunicação e significação na construção da imagem-conceito. **Revista Fronteira**, [S. l.], v. 10, p. 193-200, 2008.
- BALDISSERA, Rudimar. Comunicação Organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom**, [S. l.], Edição Especial, n. 10/11, p. 115-120, 2009.
- BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional, tecnologias e vigilância: entre a realização e o sofrimento. **E-compós**, Brasília, v. 17, n. 2, maio/ago. 2014.
- BALDISSERA, Rudimar.; VINHOLA, Bruno. MUDIATIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: APROXIMAÇÕES TENTATIVAS. **Animus**. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, [S. l.], v. 19, n. 39, p. 22-39, 2020.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1, p. 222-232.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFUGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 15-24, p. jan./abr. 2016.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GALLO, Sylvio. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença** – o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed-Puc Rio, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Depois de 1945**: latência como origem do presente. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente** – O tempo e a cultura contemporânea. 1. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.
- HENRIQUES, Márcio. SILVA, Daniel. Vigilância civil e internet: possibilidades e limitações na disputa por visibilidade e na construção de credibilidade. **Revista Conexões** – Comunicação e Cultura, Caxias do Sul, v. 16, n. 3, p. 21-41, jan./jun. 2017.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**: Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2001.
- MAFRA, Rennan. As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente. **Logos**, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 89, fev. 2022. ISSN 1982-2391. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/62436/41404>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- MARQUES, Ângela. MAFRA, Rennan. A comunicação interna em contextos organizacionais e a criação de cenas de dissenso. **Comunicação Pública**, [S. l.], v. 13, p. 1-20, 2018.
- MORICEAU, Jean-Luc. A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis. In: PRATA, Nair. PESSOA, Sônia (org.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019. p. 41-49.
- MORICEAU, Jean-Luc. Escritura e afetos. In: PESSOA, Sônia; MARQUES, Ângela C. S.; MENDONÇA, Carlos M. C. (org.). **Afetos, teses e argumentos**. Belo Horizonte, MG: Fafich: Selo PPGCOM/UFMG, 2021. p. 17-32.
- PELBART, Peter Pál. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 24, supl. 1, p. 19-26, 2015.
- PIMENTA, Laura Nayara. **Processos mobilizadores em contextos embaraçosos**: a atuação dos agentes implementadores no enfrentamento à exploração sexual infantojuvenil no Vale do Jequitinhonha. 2019. 295 p. Tese [Doutorado em Comunicação Social] – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- PINTO, Júlio Roberto de Souza; MIGNOLO, Walter D. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 381-402, jul./set. 2015.
- RANGEL, Marcelo de M. Melancolia e história em Walter Benjamin. **Ensaio Filosófico**, [S. l.], v. XIX, p. 126-137, 2016.
- SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e Falência da Crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

TAYLOR, Charles **As fontes do self**: Construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

Rennan Lanna Martins Mafra

Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil; com pós-doutorado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Mariana, MG, Brasil; mestre em Comunicação Social pela UFMG. Professor da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Viçosa, MG, Brasil. Pesquisador da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Rennan Lanna Martins Mafra
Universidade Federal de Viçosa
Centro de Ciências Humanas
Departamento de Comunicação Social
Av. P. H. Rolfs, s/n
Campus Universitário, 36570-900
Viçosa, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do autor antes da publicação.